

# A morte no mito de Ajax

## *The death in the myth of Ajax*

Leonardo Oliveira

Mestrando em Arquitetura e Urbanismo do Programa de Pós-Graduação (PPG-FAU) da Universidade de Brasília, na linha de pesquisa de Estética, Hermenêutica e Semiótica.

### Resumo

Acreditando-se injustiçado, Ajax é tomado pela ira e decide se vingar de seus inimigos. Quando submetido a um castigo provido por Palas Atena, a deusa da razão, o guerreiro não suporta as consequências e se suicida. Da cólera à loucura e do castigo ao suicídio, o artigo se propõe a analisar a trajetória e destino do herói trágico de Sófocles, dedicando especial atenção à compreensão do fenômeno de sua morte voluntária. Deste modo, esta investigação se restringirá à primeira parte da peça sofocliana, que culmina no suicídio de Ajax.

*Palavras-chave:* Sófocles; Ajax; tragédia; mito; morte.

### Abstract

*Believing to be a victim of injustice, Ajax was filled with rage and craved revenge against his enemies. When submitted to a punishment by Palas Athena, the goddess of reason, the warrior does not bear the consequences and commits suicide. From wrath to madness and from punishment to suicide, the article proposes to analyze the path and destiny of Sophocles's tragic hero, dedicating special attention to comprehending the phenomena of his voluntary death. Thus, this investigation will be restricted to the first part of the Sophoclean play, which finishes in Ajax's suicide.*

*Keywords:* Sophocles; Ajax; tragedy; myth; death.

*“Todo homem ri e chora, consoante quer um deus.”  
(SÓFOCLES, 1973, p. 19).*

O dramaturgo grego Sófocles (≈ 496 a.C. – 406 a.C.) foi um dos três poetas trágicos da Antiguidade, sendo antecedido por Ésquilo (≈ 525 a.C. – 456 a.C.) e sucedido por Eurípedes (≈ 480 a.C. – 406 a.C.). Em sua obra, dedicou-se a explorar especialmente a dimensão humana de seus personagens. De acordo com Fialho<sup>1</sup>, o sucesso e perenidade de suas peças devem-se sobretudo à maneira como nelas a vontade humana e o destino se entrelaçam e se opõem.

Nascido em Colona, Sófocles viveu o período áureo de Atenas e foi um dos cidadãos mais participantes da Acrópole, tendo exercido funções públicas e militares<sup>2</sup>. Modificou a estrutura da tragédia grega e foi vencedor de vários concursos dramáticos da era de Péricles. A compreensão da obra sofocliana é, no entanto, limitada; supõe-se que esta limitação resida, primeiramente, na escassez do legado de Sófocles que conseguiu sobreviver ao tempo. Conforme Pulquério (1987),

*das 123 peças compostas pelo Poeta restam-nos 7 tragédias completas, que se distribuem ao longo dos 30 e alguns anos duma actividade literária prodigiosa. A primeira no tempo é, talvez, o Ajax, que forma com a Antígona e com as Traquínias um grupo definido por coordenadas especiais. (p. 9).*

O segundo fator que corroboraria para a limitação da compreensão da tragédia sofocliana seria a distância temporal que separa o Poeta dos leitores modernos: “A distância a que nos encontramos [...] do ambiente social e religioso que criou a tragédia grega, é outro obstáculo difícil de transpor para os modernos intérpretes.” (Ibidem, p. 10). Deste modo, não é possível comprovar a existência de uma lei da forma sofocliana, pois,

*seja com que fórmulas se tenha procurado interpretá-lo, como o clássico, o harmônico, o eukolos, como o virtuoso arquiteto das cenas ou, ainda, como o portador sacerdotal das crenças antigas, o arauto oracular da onipotência divina e da nulidade humana: em todos os esforços, mal se tentou explicar os textos disponíveis, prevaleceu o aspecto negativo. (REINHARDT, 2007, p. 9).*

A apreensão plena do caráter simbólico de seu mito também permanece imprecisa. “Quem se debruça sobre estes textos preciosíssimos, é infalivelmente solicitado a tentar a solução dos seus problemas e assim passam os intérpretes e as suas tentativas, e os

textos ficam, firmes nas suas interrogações. [...]” (PULQUÉRIO, 1987, p. 9)., no entanto, “há sempre pequenas verdades ao alcance duma vontade honesta de indagação e esclarecimento.” (Ibidem, p. 9).

## Ájax<sup>3</sup>, o herói trágico de Sófocles

Na peça Ájax (≈ 445 a.C.), Sófocles elabora a análise de um soldado troiano, “aquele que, depois de Aquiles, é o guerreiro mais forte do exército grego” (PULQUÉRIO, 1987, p. 16). Ájax, que acredita ter a honra como aspecto central de seu caráter, decide colocar fim à própria vida após ser objeto de escrutínio, não obstante o apelo daqueles que o admiram. O herói sofocliano em questão possui convicções próprias e julga ser superior às leis coletivas. Segundo Reinhardt (2007), “em um certo sentido, todos os heróis trágicos de Sófocles são dissidentes. O que vale para eles não vale segundo a medida comum; o que constitui um centro para eles não é um centro para os acontecimentos ao seu redor.” (p. 12).

Ájax, filho de Telamão e um dos mais notáveis heróis da guerra de Troia, que “distinguiu-se sempre aí pelos seus feitos, particularmente no duelo com Heitor, na defesa da muralha e dos navios e do cadáver de Pátroclo, bem como nos jogos fúnebres em honra deste herói” (Pe. E. Dias Palmeira, prefácio, p. XII, 1973), disputa contra Ulisses, filho de Laertes, as armas de Aquiles. Os jurados do concurso – os irmãos Atridas Agamémnone e Menelau – decidem confiar a armadura a Ulisses. Acreditando-se injustiçado, Ájax é tomado pela cólera e pelo desejo de vingança. Assim, a coragem do herói se transforma em orgulho e, seu pior inimigo, ele mesmo (PULQUÉRIO, 1987):

<sup>1</sup>Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho é professora catedrática do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras de Coimbra e traduziu, dentre outras de Sófocles, a peça *As Traquínias*, publicada pela Editora Universidade de Brasília em 1996.

<sup>2</sup>Cf. Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho na aba do livro *As Traquínias*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996. 103 p. (Coleção Clássicos Gregos)

<sup>3</sup>É importante esclarecer que, com o nome Ájax, houve dois personagens na mitologia grega. O personagem de Sófocles é mais difundido pelos estudiosos como Ájax, o grande.

*Tudo começou no dia em que Ajax concebeu o plano insensato de se vingar. O concurso fatídico, em que um júri parcial atribuiu as armas de Aquiles a Ulisses, não deixa de perseguir o herói sob a ideia obsessiva duma profunda humilhação, como uma ferida que nada nem o tempo têm possibilidade de sarar. Nem a morte, raciocina Teucro [meio-irmão de Ajax] no fim da peça, terá talvez a força suficiente para anular o agravo. (PULQUÉRIO, 1987, p. 13).*

A tragédia, no entanto, inicia-se após estes acontecimentos; “Ajax é um drama que não começa antes da catástrofe, mas com ela ou depois dela.” (REINHARDT, 2007, p. 19). A ira de Ajax o leva a confabular um plano de vingança: matar Ulisses e os irmãos Agamémnone e Menelau. Deste modo, é levantado um questionamento acerca da personalidade do herói: Ajax era honroso e valente ou orgulhoso e vingativo? De qualquer modo, parece correto afirmar que a ira, ao menos, era um aspecto de sua essência. “As causas e motivos da ira são principalmente três. Primeiro, ser muito sensível a ofensa; pois nenhum homem é bravo se não se sentir ofendido [...] por último, a opinião no que toca à reputação de um homem multiplica e afia a ira.” (BACON, 2007, p. 175). A ira suscitada em Ajax torna-se a raiz da catástrofe subsequente e poderia ser vista como uma espécie de autossabotagem do herói:

*[...] não há nenhum outro modo senão o de meditar e ruminar bem sobre os efeitos da ira, e de como aborrece a vida do homem. E o melhor momento para fazer isto é olhar atrás, à ir, quando o acesso estiver findo completamente. Sêneca disse bem: A ira é como a ruína que quebra aquilo sobre o qual cai. (BACON, 2007, p. 174).*

As intenções criminosas de Ajax, bem como sua não obediência à decisão dos jurados do concurso (portanto, seu orgulho e selvageria), desencadeiam a ira da deusa da razão, Palas Atena, cujo auxílio já havia sido rejeitado por Ajax durante a guerra de Troia. Esta indisposição do guerreiro perante os deuses revela sua crença de que ele é semelhante aos mesmos. Atena, no entanto, adverte Ulisses, ainda ao início da peça:

*não pronuncies jamais insolência alguma contra os deuses, nem te orgulhes, caso seja superior a alguém, pela tua força ou por uma grande riqueza, porque um dia abate e eleva de novo todas as coisas humanas. Os deuses amam os virtuosos e odeiam os perversos. (SÓFOCLES, 1973, p. 10).*

Como castigo, Atena submete Ajax a uma loucura efêmera e faz com que ele extermine um rebanho de ovelhas, nas quais imagina ver seus inimigos, como confirma a deusa a Ulisses, após o mesmo levantar a suspeita de que teria sido Ajax o responsável pelo extermínio:

*Fui eu quem lho desviou desse prazer feroz, pondo-lho sobre os olhos molestas fantasias. Depois, fi-lo voltar-se contra as bestas pilhadas ao inimigo, que estavam sob a guarda dos pastores [...] Investiu, então, contra as reses cornudas, entre as quais fez grande carnificina, trucidando por um lado e por outro; e ora lhe parecia que se apoderava dos dois Atridas e que os matava com a própria mão [...]. Ao homem que assim andava trucidando em redor, fui eu quem lhe excitou a furiosa loucura e o enredou em laços de morte. (SÓFOCLES, 1973, p. 5).*

O castigo divino de Atena suscita a questão da liberdade de Ajax frente ao próprio destino: estaria o homem de Sófocles predestinado pelos deuses?

*Se interrogamos os estudiosos do Ajax sobre os motivos que determinaram Atena a enlouquecer temporariamente o guerreiro ofendido, obtemos respostas variadas e contrastantes. Assim, vemos Knox formular um juízo severo sobre a conduta de Ajax, o grande culpado, ao mesmo tempo que considera Atena como um ministro da justiça a barrar providencialmente o caminho de um potencial assassino. Outros autores põem o acento da actuação de Atena no espírito de benevolência que a anima em relação aos chefes do exército grego, nomeadamente a Ulisses. (PULQUÉRIO, 1987, p. 14).*

Ulisses, mesmo sendo alvo da ira de Ajax, demonstra-se compadecido pela insanidade do inimigo a qual Atena o submeteu: “[...] ainda que é meu inimigo, lamento o infeliz, por ser vítima de uma tão triste desgraça.” (SÓFOCLES, 1973, p. 10), demonstrando superioridade em relação à deusa. Ao final, constata que o homem representa um mero títere nas mãos dos deuses. Neste sentido, se não há possibilidade de escolha ao homem, o mito de Ajax constitui “uma espécie de drama de catástrofe, que indica aos homens, desde o começo, como devem se conformar com seu destino, o qual está decidido.” (REINHARDT, 2007, p. 19).

Quando recupera o juízo, Ajax sente-se arrependido de seu feito. Ao ser escrutinado pelos inimigos e pela cidade de Troia, o herói se sente desonrado perante todos:

*Que deverei fazer agora? Os deuses, manifestadamente, odeiam-me, assim como o exército dos Gregos e a cidade de Troia com estes teus campos. [...] E com que cara aparecerei eu diante de meu pai Telamão? Como suportará ele a minha vista, se apareço privado do prêmio da valentia [...]? Não! Não posso suportar semelhante ideia. (SÓFOCLES, 1973, p. 21–22).*

Pode-se inferir que a preocupação máxima de Ajax seria, na realidade, a aprovação de terceiros, (marcando assim a atemporalidade do mito) fato este que o levou a tomar medidas extremas. O guerreiro não lamentou a perda material que as armas de Aquiles representavam, mas sim o fato de não ter sido reconhecido pelos jurados do concurso como o único merecedor de herdá-las.

O suicídio subsequente de Ajax representa apenas um desdobramento da “injustiça” que lhe foi praticada, pois o herói encontra unicamente na morte a solução para seu problema, como aponta Reinhardt (2007): “a insídia do rival Odisseu [Ulisses], a falsidade do comandante, o escárnio da tropa, a paisagem e o espetáculo da glória..., tudo isso culmina na necessidade da morte.” (p. 30) e a qual é externalizada por Ajax:

*Ai! Ó Trevas, minha luz, ó Érebo, meu esplendidíssimo Sol, recebei-me, recebei-me como vosso habitante! Oh, recebei-me! Eu não mereço mais olhar para a raça dos deuses, nem para os homens, que vivem um só dia, na esperança de auxílio. [...] Quem dera que o exército me matasse, vibrando uma dupla lança. (SÓFOCLES, 1973, p. 20).*

Não obstante o apelo de Tecmessa, sua esposa, e dos marinheiros de Salamina, seus comandados leais, Ajax se dirige à praia decidido a se matar, já que para ele é certo que uma vida sem honra não merece ser vivida. O herói suicida se atira sobre a espada que fora presente de Heitor, um antigo inimigo:

*Eis o ferro assassino erecto, na melhor posição para cortar, como o colocaria quem tivesse lazer para calcular o golpe. É presente de um homem, de Heitor, o mais abominável dos meus hóspedes [...] Cravei a espada na terra inimiga de Troia [...] Cravei-a com toda a segurança no chão, para que, como o meu amigo mais benévolo me faça morrer depressa. (SÓFOCLES, 1973, p. 35).*

## Situação trágica em Sófocles

Embora a análise da dimensão humana presente em Sófocles também derive de relações entre os próprios homens, as situações sofoclianas se baseiam, primordialmente, nas relações entre humano e divino. No entanto,

*os deuses de Sófocles não trazem nenhum consolo ao homem, e quando eles dirigem seu destino para que ele se conheça, ele se apreende como homem apenas em seu entregar-se e abandonar-se. Somente no despedaçamento sua essência parece sair de sua dissonância, tornando-se pura para ganhar o estado de uma harmonia com a ordem divina. (REINHARDT, 2007, p. 11).*

O divino em Sófocles não só está sempre presente como também comanda as ações humanas, como é o caso de Atena em relação a Ajax. Dentre as tragédias sofoclianas, Ajax é única também pelo fato de que já no seu começo entra em cena um deus visível [Atena], que aponta para a vítima de sua cólera (Ibidem, 2007). Conforme Reinhardt (2007),

*o caráter do divino e essa entrada em cena estão em relação direta com a catástrofe. O ensinamento proferido pela deusa, por mais que cause estranhamento esse seu aspecto de estar além da moral, acrescenta à sua intervenção um sentido que não deve ser desprezado: eis o homem diante de Deus! (p. 20).*

As faltas cometidas por Ajax em relação a Atena atraem sobre o herói a ira da deusa (PULQUÉRIO, 1987), que, por aparente escárnio, expõe a Ulisses a insanidade de seu castigado, uma atitude divina que também singulariza a peça de Sófocles:

*[...] quando Ajax assoma à porta da tenda, ela incita-o a continuar a sua chacina, num tom extremamente irônico, como em nenhuma outra tragédia grega, em que o enérgico e valente herói é escarnecido, provando-lhe com esta atitude que, perante a potência da deusa, até o homem mais esforçado não passa de um puro nada. (Pe. E. Dias Palmeira, prefácio, XVI, 1973).*

Logo antes de indagar o inimigo de Ajax: “Vês, Ulisses, qual é a potência dos deuses?” (SÓFOCLES, 1973, p. 10), e lhe proferir a seguinte lição:

*À vista de espetáculo semelhante, não pronuncies jamais insolência alguma contra os deuses, nem te orgulhes, caso seja superior a alguém, pela tua força ou por uma grande riqueza, porque um dia abate e eleva de novo todas as coisas humanas. Os deuses amam os virtuosos e odeiam os perversos. (Ibidem, p. 10).*

Antes mesmo da humilhação do herói por Atena, a deusa responsável por sua perdição, Ulisses se dá conta, resignado e compadecido por Ajax, de que “tudo é possível quando um deus põe mãos à obra.” (Ibidem, p. 7).

Conforme Reinhardt (2007), “[...] a Atena de Sófocles ainda ultrapassa em muito a Atena de Homero: além de tudo, ela ainda joga com o traído” (p. 20), colocando o homem no papel de um “brinquedo” nas mãos dos deuses:

*Em Sófocles, a deusa exerce seu jogo com o indivíduo mortal. Nem na lenda de Ajax nem em qualquer outra poesia conhecida encontramos em forma tão terrível um jogo semelhante e o que está ligado a ele: de um lado, a confusão daquele que está preso nas tramas de seu delírio, de outro, a implacabilidade e a ironia da vontade divina. (Ibidem, p. 24–25).*

Já que “os grandes interlocutores do homem são os deuses, ainda quando o diálogo parece travar-se apenas no plano humano” (PULQUÉRIO, 1987, p. 31), “muitas vezes os homens julgam defrontar outros homens, mas enganam-se” (Ibidem, p. 25):

*Manifesta, por isso, fraco entendimento da situação aquele que formula a pergunta: Porque não faz Ajax nova tentativa para matar seus inimigos? A razão é óbvia: Ajax sabe que os seus adversários são os deuses e que a vingança é impossível. Sabe que a loucura viria, enviada pela deusa, todas as vezes que tentasse. (Ibidem, p. 25).*

Ao ser extraviado pela deusa Atena, Ajax se sente humilhado pelos inimigos após recobrir o juízo. Portanto, a ruína do herói foi enxergar-se a partir do reflexo que os outros enxergavam nele.

*Se os meus olhos e meu espírito transtornado não me tivessem afastado da minha resolução, jamais dariam uma tal sentença contra outro homem qualquer. Foi a indomável filha de Zeus, a deusa do olhar feroz, quem, no momento em que já levantava contra eles o braço, me iludiu, incitando em mim uma loucura furiosa, a qual me fez manchar as mãos com o sangue destas bestas. (SÓFOCLES, 1973, p. 21).*

Com a convicção de que seu pecado fora influenciado pela deusa, Ajax indaga Tecmessa e os marinheiros após decidir morrer: “A filha de Zeus, a poderosa deusa, é quem me atormenta e me mata! Para onde fugirei? Onde estabelecerei assento, uma vez que a minha honra, amigos, perece com estas bestas aqui ao lado e eu me dediquei a uma caçada estúpida?” (SÓFOCLES, 1973, p. 20). No entanto, com esta decisão, o herói

*cede aos deuses e cede também aos Atridas. Mas ceder aos Atridas matando-se é uma forma irônica de ceder, de se submeter à autoridade. No fundo é a autoridade divina que impera. Ajax sabe-o e por isso morre. É um modo de vencer os excessos da sua natureza, de se resignar, de se fazer entrar nos limites humanos de maneira radical e definitiva. Desaparecer. (PULQUÉRIO, 1987, p. 27).*

Ao elaborar a ira, loucura e morte do herói, o mito de Sófocles mostra que “o que mais tarde se revela no interior do destino humano aparece aqui na figura do deus em pessoa.” (REINHARDT, 2007, p. 25).

*Com a deusa se aliou o herói contra si próprio, privando-se dos meios de executar a sua vingança; da deusa proveio a loucura, que o ensinou a resignar-se ao destino limitado de ser humano; pela deusa foi exaltado aos olhos dos seus inimigos. O drama brotou de um desequilíbrio fatal entre personalidade humana e vontade divina e terminou em equilíbrio, com a conciliação das forças contrárias. (PULQUÉRIO, 1987, p. 33).*

O destino do homem em Sófocles é, portanto, decidido pelos deuses. Sabe-o Ajax ao final, que profere com aparente resignação: “Se um deus se opõe, até o covarde escapa do mais valente.” (SÓFOCLES, 1973, p. 21).

## A morte voluntária de Ajax: um ato de libertação?

Ajax contentou-se em ser o segundo melhor guerreiro quando Aquiles era vivo. Este, quando morreu, deu a Ajax a esperança de que ele seria reconhecido como o melhor guerreiro do exército grego. Ao conferirem as armas de Aquiles a Ulisses, o que simbolizaria o título de melhor guerreiro, Ajax obteve sua desonra máxima. A origem de toda a ira de Ajax jaz, portanto, na falta de reconhecimento e admiração do herói pelos outros.



FIGURA 01

Ájax carrega o corpo de Aquiles, morto em combate.  
FONTE: Página educativa *Awesome Stories*<sup>4</sup>.

Decidido, Ájax busca no ato do suicídio o fim de seu sofrimento e o restabelecimento da própria honra. Segundo Solomon (2002), “o suicídio não é a culminação de uma vida difícil; nasce de algum local escondido além da mente e da consciência.” (p. 227), indicando que, “efectivamente, sente-se, ao ler a tragédia, que não é a ira divina que arrasta Ájax à auto-destruição, mas uma força interior que ninguém pode deter.” (PULQUÉRIO, 1987, p. 31); “os deuses [de Sófocles] apenas ajudam, são colaboradores do homem na sua salvação ou na sua destruição.” (Ibidem, p. 31).

*Neste contexto, a morte assume o aspecto dum caso pessoal do herói, não é o castigo da divindade mas uma forma de libertação duma vida impossível. [...] Os acontecimentos saíram já das mãos dos deuses, Ájax iniciou já a sua marcha para a morte. Tecmessa e o Coro, pensa-se, poderiam retê-lo na tenda, evitar talvez o suicídio, mas quem pode evitar um suicídio?* (PULQUÉRIO, 1987, p. 27).

Já que o suicídio configura um ato de extrema solidão, a decisão de Ájax revela sua personalidade solitária e “[...] a melancolia e a morte de um Ájax inteiramente consciente de seus atos” (REINHARDT, 2007, p. 19) e, apoiando-se na própria crença de que uma vida sem honra não merece ser vivida, o herói se questiona: “Por certo, não deixa de ser uma vergonha que um homem deseje vida larga, se não faz mais do que passar de uma desgraça a outra.

Com efeito, que pode aproveitar viver, dia após dia, adiando o desenlace final?” (SÓFOCLES, 1973, p. 22).

*[...] a imensidade que persiste ganha maior intensidade na sua vazão: a grandeza e, em contradição a ela, a ignomínia, o sentido da existência do herói e a falta de sentido de seu destino, o ódio descarregado e a lamentação interiorizada, a reclusão – em si mesma um lamento – e a irrupção do desabafo [...].*(REINHARDT, 2007, p. 29).

Neste sentido, a morte voluntária de Ájax poderia ser pensada como um ato de libertação de seu sofrimento interior e como a expressão máxima de sua própria liberdade. Como indaga Solomon (2002), “será a vida apenas um adiamento absurdo da morte?” (p. 229):

*O poder de cometer suicídio já foi louvado por muitos homens que gostam da vida, de Plínio – que disse: “Em todas as misérias de nossa vida terrena, poder abranger nossa própria morte é o melhor presente de Deus ao homem” – passando por John Donne, que escreveu em Biathanatos, em 1621: “Quando em qualquer momento uma aflição me assalta, penso ter as chaves da prisão em minha própria mão e nenhum remédio se apresenta tão rapidamente a meu coração como minha própria espada”; e até Camus. “Será descoberto por todos”, declarou Schopenhauer, “que assim que os terrores da vida superem em peso o terror da morte, o homem porá um fim à própria vida.”* (Ibidem, p. 230).

Como aponta Solomon (2002), “embora abrangentes argumentos filosóficos existenciais sejam envolventes, a realidade do suicídio não é boa, pura e filosófica, mas bagunçada, chocante e física.” (p. 234). No entanto, a decisão do guerreiro reafirma a bravura intrínseca ao seu espírito, colocando o ato como fruto de um lapso de impulsividade:

*Querer se matar, contudo, requer todo um nível extra de paixão e uma certa violência dirigida. O suicídio não é o resultado da passividade; é o resultado de uma ação. Requer uma grande quantidade de energia e uma vontade forte, além de uma crença na permanência do momento atual e pelo menos um toque de impulsividade.* (SOLOMON, 2002, p. 227).

<sup>4</sup>Disponível em: <<https://www.awesomestories.com/asset/view/Ajax-Carries-the-Body-of-Achilles-from-the-Battlefield>>. Acesso em set. 2016.

O herói demonstra coragem ao aceitar a própria morte e, por fim, vocifera: “Ó Morte, lá em baixo, onde estaremos juntos, poderei conversar contigo; mas vem já, ó Morte, vem pôr os teus olhos em mim!” (SÓFOCLES, 1973, p. 36). Deveria, então, o homem ser livre para antecipar o próprio fim?

*Thomas Szasz, um influente crítico do sistema de saúde mental que tem favorecido a limitação do poder dos psiquiatras, diz: “O suicídio é um direito humano fundamental. Isso não significa que seja desejável. Significa apenas que a sociedade não tem o direito moral de interferir, usando de força, na decisão da pessoa de cometer tal ato.” (SOLOMON, 2002, p. 230).*

Ao antecipar sua morte sem considerar os apelos de Tecmessa e dos marinheiros, Ajax explicita a dissidência da personalidade inerente ao herói sofocliano. Como aponta Solomon (2002), “a morte é tão alarmante e sua inevitabilidade um tal desapontamento que alguns sentem que podem muito bem já resolver tudo.” (p. 229); assim o pensa Ajax, que tem na morte a única solução para seu sofrimento e, em seu suicídio, busca a paz interior por meio de um retorno à natureza:

*Schopenhauer desdobra a questão. “O suicídio pode ser encarado como uma experiência”, escreve, “uma pergunta que o homem faz à Natureza, tentando forçá-la a responder. A pergunta é a seguinte: Que mudança produzirá a morte na existência do homem e em seu insight da natureza das coisas? É uma experiência desajeitada, pois envolve a destruição da própria consciência que pergunta e espera a resposta.” (SOLOMON, 2002, p. 229).*

E na ausência do ser, no nada:

*Madame de Staël, cujo maior mérito está em ter estilizado lugares-comuns de forma brilhante, tentou demonstrar que o suicídio é uma ação anti-natural e que não se deve considerá-lo um ato de coragem; sobretudo, ela sustenta a ideia de que é mais digno lutar contra o desespero do que a ele sucumbir. Argumentos como esses afetam muito pouco as almas a quem a infelicidade domina. Se não religiosas, as pessoas especulam sobre um mundo melhor; se, ao contrário, não creem em nada, então buscam a tranquilidade do Nada. (MARX, 2006, p. 24–25).*

O caráter definitivo do suicídio denota a determinação de Ajax, que, desonrado e injustiçado, encontra na morte o fim da humilhação e escrutínio aos quais fora submetido. “Embora o suicídio aplaque o sofrimento presente, ele geralmente é

posto em prática para evitar sofrimento futuro.” (SOLOMON, 2002, p. 242), visto que Ajax provavelmente continuaria sendo objeto de escárnio dos inimigos e da população de Troia se continuasse vivo. Se, para o herói, mais vale morrer a prolongar uma vida sem honra, “o suicídio, aqui, é o contraponto necessário da vontade de viver” (Ibidem, p. 235):

*Freud defendeu que o suicídio é muitas vezes um impulso assassino de uma pessoa contra outra, desferido pela própria pessoa contra si mesma. O psicólogo Edwin Shneidman disse mais recentemente que o suicídio é “assassinato em 180 graus”. Freud afirmava que o instinto de morte está sempre em equilíbrio incerto com o instinto de vida. (Ibidem, p. 235).*

Se, conforme Solomon (2002), o “suicídio inspira culpa” (p. 246), seria possível propor que, com sua morte voluntária, Ajax pretendia que seus inimigos e até mesmo a deusa Atena sentissem remorso pela perda de um grande herói? Já Tecmessa, mulher de Ajax, após proferir:

*Rogo-te, pois, pelo Zeus do nosso lar e pelo nosso tálamo, que não permitas que eu caia nas mãos de outrem e ouça as palavras cruéis dos teus inimigos. Porquanto, se morres, e com a tua morte me deixas ao abandono, podes crer que, nesse mesmo dia, serei arrebatada violentamente pelos Argivos e sujeita à escravidão, juntamente com o teu filho. (SÓFOCLES, 1973, p. 23).*

Poderia se dizer que o herói fora egoísta ao desconsiderar os apelos dela e dos marinheiros, já que, com sua morte, seu filho ficaria órfão e Tecmessa se tornaria escrava dos inimigos?

Após recobrir o juízo e se dar conta de que fora objeto de escárnio por ter ido à loucura e ter sido humilhado pela deusa Atena, Ajax sentiu o peso da vergonha, a qual foi crucial na decisão do suicídio. A relação entre o sentimento da vergonha e o ato do suicídio permanece atual no cenário grego:

*A Grécia tem uma das taxas mais baixas de suicídio relatado no mundo; isso reflete não apenas o clima ensolarado e a cultura relaxada do país, mas também o fato de que, para a igreja grega, os suicidas não podem ser enterrados em solo sagrado. Há uma razão específica para não reportarem suicídios na Grécia. Sociedades onde o nível de vergonha é mais alto têm menos suicídios comunicados. (SOLOMON, 2002, p. 241).*

A ira de Ajax fez o herói se deslocar de segundo melhor guerreiro da Grécia a objeto de escárnio. Ao julgar que não valia a pena viver sem o reconhecimento de terceiros, poderia se dizer que Ajax demonstrou a fragilidade de sua autoestima por meio da preocupação excessiva com a própria reputação, o que, nos dias atuais, ainda é a causa de muitas mortes voluntárias. “A autoanálise e a ruminação podem levar ao suicídio” (Ibidem, p. 238):

*[Edwin Shneidman] Propôs que este [o suicídio] é resultado do amor distorcido, controle despedaçado, auto-imagem atacada, sofrimento e fúria. “É quase como se o drama do suicídio fosse se escrevendo sozinho, como se a peça tivesse uma mente própria. [...] (Ibidem, p. 245).*

Destemido, Ajax invoca a morte já com a consciência de seu destino. “A capacidade para o suicídio é um fardo que vem com a consciência que nos diferencia dos outros animais” (Ibidem, p. 236) e “o suicídio é um preço que os humanos pagam pela autoconsciência” (Ibidem, p. 239). Entretanto, “o suicídio [...] não é lógico.” (Ibidem, p. 244); “os verdadeiros motivos que impelem um homem a tirar sua própria vida estão em outro lugar; pertencem ao mundo interno, tortuoso, contraditório, labiríntico e principalmente fora do alcance de nossos olhos.” (Ibidem, p. 245) e “o desespero que leva à morte é devastador, não importa a quem afete.” (Ibidem, p. 240–241).

Exéquias<sup>5</sup> representou a cena em que Ajax prepara seu suicídio. Na pintura, que alude ao momento anterior ao ato, o rosto do herói exprime serenidade, demonstrando a determinação inerente ao seu caráter, um traço comum entre os maiores guerreiros. Segundo Solomon (2002), “a propensão ao suicídio é determinada pela personalidade” (p. 235), dentre outros fatores; no caso de Ajax, poderia se dizer que a belicosidade de seu espírito influenciou sua decisão final? “O que é isso – bravura? patologia? solidão? – que empurra alguém além dessa borda final e fatal, quando a vida é algo que estamos dispostos a perder?” (Ibidem, p. 246).



FIGURA 02: Ajax prepara o suicídio ao lado de seu escudo.

A máscara de Górgona representada na armadura simboliza a morte a olhá-lo no fundo de sua alma.

FONTE: Blog espaço literário Marcel Proust<sup>6</sup>.

Por fim, Ajax encarou o suicídio como o *grand finale* de sua existência, sendo este o ato responsável por tirar sua própria vida. Solitário e melancólico, o herói trágico de Sófocles tem na morte a solução única para seus problemas, a “súbita percepção de uma saída” (SOLOMON, 2002, p. 247). Embora não haja “nada que possa aliviar a solidão da auto-aniquilação” (Ibidem, p. 247), “nutrir nossa própria infelicidade pode se tornar desgastante demais para suportar, e o tédio do desamparo e a incapacidade de distanciamento podem levar o indivíduo ao ponto em que matar a dor é mais importante do que se salvar” (Ibidem, p. 248). Assim decidiu-o Ajax.

## Ájax no reino de Hades

Nem mesmo a morte foi capaz de neutralizar o ressentimento de Ajax. O herói encontra-se com seu inimigo Ulisses no reino de Hades<sup>7</sup> e, a uma tentativa de conciliação promovida pelo próprio Ulisses, Ajax responde com silêncio e indiferença:

<sup>5</sup>Pintor e ceramista ateniense que viveu, aproximadamente, entre 545 a.C. e 530 a.C.

<sup>6</sup>Disponível em: <<http://proust.net.br/capitulo/sofocles/>>. Acesso em set. 2016.

<sup>7</sup>O desenlace se dá no canto XI da Odisseia.

*Quase sempre, as almas das pessoas mortas se detinham, tristes, cada uma perguntando pelos seus. Só a alma de Ajax, filho de Telamão, se manteve arredia; guardava-me rancor pela vitória sobre ele obtida quando competimos ao pé dos barcos, disputando as armas de Aquiles, oferecidas ao vencedor por sua augusta mãe; foram árbitros as filhas dos troianos e Palas Atena. Oxalá não tivesse em ganho aquele prêmio, se, por causa dele, houve a terra de cobrir uma cabeça tão nobre como a de Ajax, cuja beleza e cujos feitos nenhum dânao superava, abaixo do impecável filho de Peleu. (HOMERO, 2010, p. 187-188).*

A atitude de Ajax revela que “a profundidade e a duração do sentimento estão, assim, em relação natural com o que há de excessivo no plano de vingança” (PULQUÉRIO, 1987, p. 13) do herói. Ulisses prossegue:

*A ele eu dirigi palavras melífluas: Ajax, filho do irrepreensível Telamão, nem depois de morto havias de esquecer teus rancores contra mim por causa das malditas armas? Elas foram um flagelo mandado aos argivos pelos deuses, já que causaram a perda duma fortaleza como eras tu. Tua morte, nós, os aqueus, choramos sem cessar, tanto quanto a do querido Aquiles, filho de Peleu; a culpa cabe exclusivamente a Zeus; por ódio atroz votado ao exército de lanceiros dânaos, ele marcou teu dia fatal. Eia, porém, ó príncipe, vem aqui ouvir-me e conversar comigo; aplaca o furor do teu soberbo coração. Assim falei, mas ele, sem me dar resposta, seguiu rumo ao Érebo, em pós das demais almas das pessoas mortas. (HOMERO, 2010, p. 188).*

Por fim, observa-se que, embora ao herói fosse certo que a morte seria a solução para seus problemas, conclui-se que “Ajax falhou na tentativa de se superar e reconheceu, na morte, os seus limites.” (PULQUÉRIO, 1987, p. 33).

## Referências Bibliográficas

- BACON, F. *Ensaio de Francis Bacon*. Tradução de Alan Neil Ditchfield. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 183 p.
- BOWRA, C. M. *Sophoclean Tragedy*. Oxford: University Press, 1944. 384 p.
- HOMERO. *Odisseia*. Tradução (em prosa) direta do grego, introdução e notas de Jaime Bruna. São Paulo: Editora Abril, 2010. 416 p. (Clássicos Abril Coleções; v. 35)
- LIDA, M. R. *Introducción al teatro de Sófocles*. Buenos Aires: Losada, 1944. 205 p. (Estudios literarios)
- MARX, K. *Sobre o suicídio*. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006. 83 p.
- PULQUÉRIO, M. O. *Problemática da tragédia Sofocliana*. 2ª ed. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987. 153 p. (Série Estudos de Cultura Clássica: 1)
- REINHARDT, K. *Sófocles*. Tradução de Oliver Tolle. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. 262 p. (Coleção Pérgamo)
- SÓFOCLES. *Tragédias do Ciclo Troiano: Ajax, Electra e Filoctetes*. Tradução do grego, prefácio e notas pelo Pe E. Dias Palmeira. Lisboa: Editora Livraria Sá da Costa, 1973. 252 p. (Coleção Clássicos Sá da Costa)
- SOLOMON, A. *O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão*. Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. 483 p.

